

---

- **FONOLOGIA I**

**Coordenador(a): Gladis Massini-Cagliari**

---

## **A PALAVRA PROSÓDICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

*Sofia Martins Moreira (UFMG)*

Este trabalho investiga a palavra prosódica no português brasileiro. A descrição da fonologia desenvolvida é baseada nos trabalhos sobre Fonologia Prosódica, tais como SELKIRK (1984), NESPOR & VOGEL (1986) e HAYES (1989). A referida teoria pressupõe que a organização da gramática de uma língua é inserida em níveis do léxico, quais sejam, o nível lexical e o nível pós-lexical. Analisamos os fenômenos fonológicos específicos da língua em estudo para justificar a inserção de cada um no componente lexical ou no componente pós-lexical, comparando com os dados do português europeu, analisados por VIGÁRIO (2001).

Para caracterizar a palavra prosódica no português brasileiro, buscamos analisar as propriedades fonológicas que a definem. Verificamos a constituição prosódica de prefixos, sufixos, clíticos e palavras compostas, assumindo que não há isonomia entre os constituintes prosódicos, morfológicos e sintáticos, ou seja, regras fonológicas aplicam-se em domínios que nem sempre coincidem com os domínios definidos pela sintaxe ou morfologia. Assim, no português brasileiro, notamos que há diferentes unidades morfológicas que podem ser agrupadas para formar uma palavra prosódica.

## **ANÁLISE DA HAPLOGRAFIA NOS DOMÍNIOS PROSÓDICOS ACIMA DA PALAVRA FONOLÓGICA**

*Vanessa Cristina Pavezi (UNESP)*

Nesta comunicação, questionamos se dados de fala experimental, em que são controlados, de forma eficiente, os contextos candidatos a processos fonológicos, evidenciam, de fato, o funcionamento da língua.

Para tanto, estabelecemos uma comparação entre dados de fala experimental e de fala espontânea para o processo fonológico de haplografia nos domínios prosódicos de frase fonológica (?), frase entoacional (I) e enunciado fonológico (U) da forma como foram organizados por Nespor & Vogel (1986), segundo a teoria da Fonologia Prosódica.

Os primeiros dados a que nos referimos fazem parte da tese de doutorado de Tenani (2002). Já os segundos, por sua vez, foram retirados de quatro inquéritos do NURC-SP, quais sejam, EF-377; D2-360; DID-18; DID-235.

Cabe ressaltar que vemos a haplologia como um processo fonológico em que há a queda de uma sílaba em uma seqüência de duas sílabas semelhantes átonas em fronteiras de palavras, como em "faculda(de) dinâmica". Após analisar os dados de fala espontânea e estabelecer uma comparação entre os resultados de aplicação da haplologia desses dados e dos de fala experimental, observamos que (i) os resultados de ambos os dados são praticamente os mesmos no que diz respeito aos domínios de ? e I; (ii) o domínio de U, por sua vez, não pode ser verificado, pois não encontramos nenhuma seqüência composta por esse algoritmo nos dados de fala espontânea de que dispomos; e (iii) ambos os tipos de dados evidenciam o mesmo funcionamento da haplologia na língua.

## **DOMÍNIOS PROSÓDICOS E LAPSOS ACENTUAIS**

*Mílca Veloso Nogueira (USP)*

O Princípio de Alternância Rítmica é um ideal ao qual a estrutura rítmica das línguas aspira (cf Selkirk 1984). É preciso verificar, então, como cada língua organiza sua estrutura rítmica, por meio de regras de eufonia, de modo a satisfazer o princípio. O presente trabalho é parte de uma análise sobre os lapsos acentuais. Nos estudos sobre o Português Brasileiro (PB), há alguns trabalhos sobre os domínios prosódicos relevantes para a ocorrência de processos fonológicos ou rítmicos (Abauurre, 1996; Abousalh, 1997; Tenani, 2002; Sândalo & Trunckenbrodt, 2003). Porém, em nenhum deles objetivou-se analisar os processos como sendo estratégias para a resolução de lapsos acentuais. Neste trabalho, verifico qual a freqüência de resolução de lapsos de acordo com o domínio prosódico em que estão inseridos. Considero os domínios da frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico (cf. Nespor & Vogel, 1986). Para a obtenção dos dados, foi feito um experimento controlado, constituído de sentenças contendo estruturas variadas de lapsos entre os domínios citados acima.

## **ENTRE TONS, ACENTOS E MELODIA: A MANUTENÇÃO DE ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DA LÍNGUA IORUBÁ, NA TRADIÇÃO ORAL (CANTOS NAGÔS) DAS COMUNIDADES-TERREIRO DA NAÇÃO QUETU.**

*Sidnei Barreto Nogueira (USP)*

O presente estudo, de cunho descritivo-comparativo, analisa os sistemas prosódicos/entonacionais (cf. Hirst e Di Cristo, 1998) da língua iorubá falada e do canto nagô das comunidades-terreiros denominadas da nação "Nagô-Quetu" no Brasil. Trata-se de uma observação com vistas a evidenciar a manifestação do sistema tonológico de uma língua africana (Rialland, 1998) na utilização lingüística especializada "Nagô" (cf. Bonvini e Petter, 1998 e 2002). Destarte, faz-se a comparação de aspectos fonético-fonológicos da fala e do canto, em um contexto cujas práticas remetem à África Negra. Os aspectos cotejados são referentes aos acentos do Português do Brasil - considerando o fato de o "Nagô" ser resultado de uma integração sociolingüística entre o iorubá e o Português do Brasil (cf. Póvoas, 1989 e Nogueira, 2001) -, o sistema tonológico da língua Yorubá, bem como a entonação tanto da língua iorubá quanto do canto "Nagô". De acordo com análises preliminares, hipotetiza-se que a tessitura melódica presente nos cânticos nagôs tenha emergido de uma interação híbrida, que se estabeleceu entre tons próprios do sistema prosódico da língua iorubá e a prosódia do português.

## **FLUTUAÇÕES NA DELIMITAÇÃO DA FRASE ENTONACIONAL EM DUAS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES DO SAMBA-CANÇÃO NA BATUCADA DA VIDA**

*Renata Pelloso Gelamo (UNESP)*

Buscamos identificar o papel da Frase Entonacional (I) na interpretação que Carmen Miranda e Elis Regina fazem do samba-canção Na Batucada da Vida. Como I é um constituinte da hierarquia

prosódica que pode ser delimitado a partir de pausas, suas ocorrências, em cada interpretação, foram julgadas por um grupo de nove juízes. Neste estudo, analisamos, especificamente, discordâncias entre os juízes quanto aos pontos de pausas (índice de concordância inferior a 70%). A partir dos dados, podemos observar que a detecção da quantidade e da localização das pausas sofreu variação em cada interpretação: (a) Carmen Miranda = 32 pausas, sendo quatro percebidas por menos de 70% dos juízes; (b) Elis Regina = 30 pausas, sendo três percebidas por menos de 70%. Em ambos os casos, os locais percebidos como tendo ou não pausa coincidiram com limites possíveis de frases entonacionais. As discordâncias quanto à existência de pausas, tal como levantadas por nossos dados, mostram-nos que esse fenômeno pode ser percebido diferentemente pelos ouvintes. Os dados nos permitem levantar as seguintes hipóteses: (1) os juízes que marcaram a existência de pausas em locais de baixa concordância podem ter se guiado por características acústicas tais como queda brusca de frequência e alongamentos (e não apenas o silêncio), como marca de limite de constituinte; (2) os juízes que não marcaram a existência de pausas parecem ser mais sensíveis a uma maior duração do silêncio para a delimitação do constituinte. Como se trata de um constituinte em cuja delimitação a pausa cumpre papel essencial, a flutuação de decisões de nossos juízes confirma estudos sobre a frase entonacional que a postulam como um constituinte de extensão e limites variáveis.

### **HIPÓTESES ACERCA DO RECONHECIMENTO DE ACENTO LEXICAL EM PALAVRAS ISOLADAS**

*Fernanda Consoni (USP), Pablo Arantes (UNICAMP), Plínio Barbosa, Waldemar Ferreira Netto (USP)*

O trabalho apresentado traz hipóteses acerca das estratégias utilizadas pelos ouvintes no reconhecimento de palavras isoladas a partir de pistas acústicas sobre a posição do acento lexical. O experimento consistiu em solicitar que sujeitos reconhecessem palavras, retiradas de paradigmas como máquina/maquina/maquinar, que foram previamente cortadas e deram origem a fragmentos contendo diferentes combinações de sílabas tônicas e átonas.

Para determinar quais parâmetros acústicos poderiam servir de guia para o julgamento dos sujeitos, a duração das unidades V-V, a frequência fundamental e intensidade medidas no ponto médio das vogais foram medidos nos estímulos experimentais.

O confronto entre as respostas de identificação das palavras e as pistas ajudaram a elucidar de que maneira e em que extensão os parâmetros acústicos exercem influência sobre o reconhecimento de palavras a partir de fragmentos contendo pistas a respeito da posição do acento lexical.

### **OTIMALIDADE E ESTILO: O CASO DA PARAGOGUE EM PORTUGUÊS ARCAICO**

*Gladis Massini-Cagliari (UNESP)*

Esta comunicação apresenta uma das possibilidades de tratamento de fenômenos estilísticos pela Teoria da Otimalidade, exemplificando com uma análise da paragoge rítmica em Português Arcaico. É um processo que, em todo universo da lírica medieval galego-portuguesa profana e religiosa, aparece em apenas dezesseis cantigas, oito profanas e oito religiosas. Consiste no acréscimo de uma vogal /e/ ao final de palavras oxítonas terminadas em /l, r, n/ (exemplo: amar - amare). Este trabalho mostra que a ocorrência da paragoge nas cantigas medievais galego-portuguesas não deve ser vista apenas como um recurso estilístico que promove o isossilabismo entre os versos de uma cantiga, mas pode ser considerada o resultado da aplicação de processos rítmicos visando eurrítmia, pautados na possibilidade aberta pelas próprias escolhas da língua quanto ao seu ritmo de base. Porém, do ponto de vista do estilo, em uma perspectiva otimalista, o fenômeno da paragoge deve ser visto como um caso de desvio - um "desvio regrado", porém, ou seja, um desvio condicionado pelas possibilidades do sistema lingüístico, não um desvio

aleatório. Em outras palavras, trata-se de um desvio surpreendente do ponto de vista do uso, mas não do ponto de vista do sistema lingüístico, já que a paragoge gera formas inexistentes porém não agramaticais no nível fonológico.

## **RITMO LINGÜÍSTICO NA FALA DISÁRTRICA**

*Erica Reviglio Iliovitz*

A disartria pode ser definida como sendo uma desordem da produção motora que afeta os padrões de movimento, velocidade, precisão, coordenação e força dos órgãos fono-articulatórios, bem como a respiração, a fonação, a ressonância, a articulação e a prosódia, tanto isolada quanto conjuntamente. Com o objetivo de verificar a aplicação dos processos fonológicos e caracterizar alguns aspectos prosódicos da fala disártrica, foi solicitado a dois sujeitos disártricos em decorrência de acidente automobilístico, de mesmo dialeto (paulista), mesma faixa etária (28-31 anos) e mesmo grau de escolaridade (superior) que fizessem a leitura de um conjunto de frases experimentalmente controladas. Essas frases foram elaboradas de modo a apresentar contextos favoráveis à aplicação de processos fonológicos. Dentre esses processos, se encontra a haplologia, que envolve a queda de uma sílaba numa seqüência de duas sílabas átonas semelhantes. Os resultados indicaram que o sujeito portador de disartria grave aplicava a haplologia em qualquer contexto minimamente favorável, enquanto o sujeito levemente disártrico não a aplicava nem mesmo em contextos favoráveis. Nesse sentido, a haplologia foi o processo fonológico segmental que sinalizou diferentes implementações rítmicas na fala dos sujeitos, pois, ao aplicar a haplologia em contextos segmentais relativamente favoráveis, a fala do disártrico grave soa mais acentual, por privilegiar as sílabas tônicas e tender a omitir as átonas. Por outro lado, a fala do sujeito levemente disártrico soa mais silábica, na medida em que ele opta por manter a integridade de todas as sílabas. A partir desses resultados, serão discutidas algumas conseqüências fonológicas da relação sujeito-linguagem em quadro de lesão cerebral.